

Soldados da fé: missão e escola entre os índios Itatim

Soldiers of faith: mission and school among Itatim indians

Neimar Machado de Sousa*

Amarílio Ferreira Junior**

Antonio Jacó Brand***

* Doutor em Educação (UFSCar). Professor da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB).

E-mail: professor_neimar@hotmail.com.

** Doutor em Educação (USP). Professor da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). E-mail: ferreira@ufscar.br.

*** Doutor em Educação (UNISINOS). Professor da Universidade Católica Dom Bosco. E-mail: brand@ucdb.br.

Resumo

A História da Educação e dos missionários jesuítas que atuaram entre os índios Itatim (1631-1659) pode ser analisada a partir da biografia de missionários da Companhia de Jesus, sua relação com a expansão comercial europeia e o protagonismo indígena. O processo homogeneizador da diversidade étnica e cultural, cuja forma mais clara foi a colonização e o combate aos costumes dos Itatim, mediante uma educação concebida enquanto catequese, não pode ser a única possibilidade hermenêutica da ação dos índios nessa região. A instalação da escola nas Missões do Itatim foi um processo negociado de significados, pois, no contexto da Reforma Católica, a escola foi o palco onde se desenrolaram cenas para aumentar o rebanho e garantir a posse dos aldeamentos. A abordagem passou pela contextualização das estratégias educativas dos jesuítas. Colonizar os Itatim implicou etnocídio, intolerância e perdas territoriais.

Palavras-chave

História da Educação. Diversidade cultural. Índios Guarani.

Abstract

The History of Education and of the jesuit missionaries who acted among Itatim indians (1631-1659) is analyzed in this article from the missionaries' Company biography of Jesus, its relation with the european commercial expansion and the indigenous' actions. The combat to the ethnic and cultural diversity occurred by the colonization and the fight against indigenous' habits. The education was conceived as catechesis in this region. The school foundation into Itatim's Missions was a negotiation, because the Catholic Reform transformed there school on stage of exhibitions about faith growth and property protection. The approach passed by the historical context of the educational strategies of the jesuits, compiled in the Ratio Studiorum (1599). The missionaries' colonial initiatives produced a lot of orientations for the indigenous education and its reduction to the civil life in Paraguayan colonial missions. Itatim's Colonization implied ethnocide, intolerance and territorial losses.

Key-words

Education history. Cultural diversity. Guarani indians.

Introdução

A pesquisa sobre a história da educação durante o período jesuítico nas missões indígenas do Itatim (1631-1659) não é obra simples pelos múltiplos domínios e exigências metodológicas que implica. Este artigo é um esforço nesta direção com um olhar mais específico no que se refere à formação dos missionários-professores que atuaram nesta região do antigo Vice-Reino do Peru, na América espanhola, e que, atualmente, encontra-se no centro-oeste brasileiro, estado de Mato Grosso do Sul.

Entre os múltiplos olhares possíveis e necessários decorrentes da complexidade desta temática temos o olhar do indígena que se insinua, certamente, como um dos menos contemplados na produção historiográfica e mais necessários, devido à referência constante do elemento indígena nas fontes primárias e na sua quase ausência nas fontes secundárias. Ampliar o estudo das práticas pedagógicas jesuíticas a partir da ótica indígena é o grande desafio para historiadores da educação.

Antes de prosseguirmos, algumas ressalvas devem ser feitas. Itatim é uma referência geográfica guarani, pois o termo é oriundo desta língua. A frente missionária do Itatim estava ligada diretamente aos jesuítas do colégio de Assunção. Do ponto-de-vista eclesiástico, estava subordinada também ao bispado (*obispado*) do Paraguai. Durante o período das missões do Itatim, o bispo de Assunção, único em todo o Paraguai, era o franciscano Bernardino de Cárdenas. Seu superior ficava no distante arcebispado de

(*arzobispado*) La Plata¹, no alto Peru (MAEDER, 2001, p. 32).

1 A organização econômica das missões jesuíticas

Os índios reduzidos nos povoados jesuíticos de Santo Inácio e Nossa Senhora da Fé incluíam tanto aqueles que já eram considerados cristãos como aqueles que os missionários pretendiam que se tornassem cristãos no futuro. A diferença dos moradores da missão era o fato de que estes eram súditos formais da coroa espanhola e, conseqüentemente, isentos da Encomienda² ou trabalho compulsório, por cédulas reais, apesar de terem de pagar tributos e prestar serviços militares quando solicitados. Neste caso, aceitar o jugo de Cristo realmente abrandava o peso do trabalho para os cristãos encomendeiros, entre eles, o governador de Assunção, maloqueiros de São Paulo, entre outros, mas não os livrava do trabalho para a missão. Dentro de tal conjuntura, não deve causar estranhamento o fato de os índios se declararem cristãos quando se deparavam com algum não-indígena nos seus territórios tradicionais. O pagamento do tributo anual para a coroa, a subsistência e a manutenção dos povoados missionários dos jesuítas eram garantidos pela exploração do comércio da erva-mate, produto muito valorizado no Prata e consumido pelos índios Guarani em toda a região. Este costume foi adotado logo no início da colonização pelos mestiços, o que gerou um aumento da demanda que aumentou o preço deste produto e o interesse comercial na sua exploração. A mão-de-

obra que mantinha funcionando esta máquina foi a dos índios, no interior dos povoados. Como era a mesma mão-de-obra requisitada pelos colonos, a exploração dos nativos foi o pivô de mútuas acusações judiciais e disputas armadas entre jesuítas, espanhóis e portugueses.

A organização das missões se deu tendo em vista a organização do trabalho indígena. Dentro de cada redução havia um cabildo indígena, eleito anualmente. Dependendo do tamanho do povoado, aumentava a complexidade administrativa. Nos maiores havia um corregedor (presidente do tribunal de justiça), tenente-corregedor, dois alcaides (juizes), regedores (delegados dos bairros), alferes (chefe militar), secretário e policiais. Essa estrutura era reproduzida dentro das reduções, ao menos parcialmente. Como o sistema tradicional indígena era baseado no sistema de cacique-rezador, era costume nas reduções o corregedor ser indicado pelos caciques e padres jesuítas, depois confirmado pelo governador, no caso do Itatim, em Assunção, onde também ficava o governo provincial dos missionários jesuítas, no colégio de Assunção. Assim, os religiosos e líderes tradicionais indígenas interferiam diretamente na administração dos povoados, num modelo que ainda não era plenamente laico e que se estabeleceu nesta região somente no final do século XVIII, com a expulsão dos jesuítas. Deste modo, o leitor já tem um elemento importante para compreender as inúmeras disputas políticas e econômicas, que envolviam colonos, jesuítas e indígenas, pelo governo das cidades e reduções.

A organização das missões, do ponto de vista arquitetônico, ocorria em torno do prédio da igreja, na praça central, semelhante a muitas cidades europeias medievais. Na igreja estavam os padres, ou seja, eles exerciam muitas funções nestes povoados, como medicina, em contraposição direta aos rezadores indígenas, que eram os médicos indígenas tradicionais, e a direção da agricultura, que garantia o sustento da missão. O sucesso econômico da missão, o gado muitas vezes fornecido pelo colégio de Assunção, no caso do Itatim, contribuía para reforçar o papel de autoridade moral do religioso. Deste modo, é possível que os bens oferecidos pelos missionários para atrair os índios para as reduções exerceram um papel de convencimento relevante, pois eram mais palpáveis para os índios que a benção do cura ou do pajé.

Na documentação jesuítica e em muitos outros relatos há muitas referências ao trabalho dos indígenas, especialmente no que se refere aos Guarani, tidos como laboriosos devido à grande produção agrícola. Entre estes relatos, há o produzido pelo soldado alemão, Ulrico Schmidel, em relato de viagem realizada entre 1534 e 1554, depois de passar pelo povoado de João Ramalho e seguido para o Prata até a cordilheira. Abaixo há um comentário de Bartolomeu Mitre (SCHMIDEL, 1903, p. 53):

[...] caminaron 50 leguas río Paraguay arriba, hasta dar con la nación de los *caríos*. ¡Cómo se saborea el autor en medio de esa abundancia de maíz, mandioca, batatas, maní, etc., y también pescado y carne y aves de todas clases, y miel para comida y bebida! Era una bendición, era el paraí-

so. Dejaban atrás las miserias de la raza pampeana (nómades, más o menos), y entraban en la tierra de promisión de la raza guaraní (sedentaria, más o menos). Raza extendida, como dice Schmidel; gente peliza, corpulenta, apta para la labor - como dirían los naturalistas de hoy-, hecha para servir de hormiga negra a la hormiga blanca que se presentaba a sojuzgarlos. Los varones se abrían el labio inferior para ingerirle el barbote de cristal, de dos jemes de largo.

Não se pode deixar de registrar a abundância de alimentos, tanto da lavoura quanto de caça nas aldeias guarani, no início da conquista, a “providencial” laboriosidade dos índios muito útil para o estabelecimento dos espanhóis nestas terras, mas também merece destaque no relato a referência a um costume identificado ainda no início do século XX entre os Guarani, o adorno labial inferior, o *tembetá*. Tal referência inclusive autoriza uma relação de continuidade cultural de longa duração entre estes índios históricos encontrados por Schmidel, no século XVI, com atuais remanescentes no Brasil, Paraguai, Argentina e Bolívia.

2 Os jesuítas e a educação no Itatim

2.1 Os missionários

A atuação dos jesuítas na região do Itatim deve ser analisada a partir das normas gerais da Companhia de Jesus: as Constituições, aprovadas pelo papa em 1540, os Exercícios Espirituais, escritos pelo fundador Inácio de Loyola, as normas catequéticas, do provincial de Assunção Félix de Zurbano, as regras estabelecidas

pelo Sínodo de Assunção e o plano geral de estudos da Companhia, finalizado em 1599, o *Ratio Studiorum*.

O pano de fundo das ações dos missionários era a contrarreforma e a necessidade de combater os protestantes na Europa e na América, tendo em vista que os huguenotes já travaram combates com os jesuítas no Rio de Janeiro e Maranhão e seu princípio de livre exame das escrituras, que transformou a escola em instrumento da catequese dos reformadores e, conseqüentemente, era alvo das preocupações dos jesuítas, o Concílio de Trento, que reafirmava as tradicionais doutrinas católicas e o intento de triunfo do catolicismo sob a autoridade papal. Daí o caráter marcial dos inacianos.

Entre os trabalhos tradicionais da Companhia figuram: propagação da fé; conversão dos hereges, aqueles que têm fé, mas não a “correta”; a educação/catequização da juventude; a instrução dos fiéis; e a reconversão dos cristãos. Acrescente-se aqui o fato de que Lutero escreveu diversas exortações, por volta de 1520, para que os cristãos levassem os filhos às escolas. Assim, havia uma clara disputa entre os inacianos e os protestantes no que se refere à educação. Esta disputa é aparente quanto ao teor, mas não tanto quanto aos métodos, pois para ambos a educação consistia num meio para catequizar.

Os primeiros jesuítas que chegaram ao Paraguai, em 1588, conheciam o idioma Guarani e eram procedentes de São Paulo, discípulos de José de Anchieta, como já foi afirmado. Os primeiros foram João Saloni, Manuel Ortega e Tomas Fields.

Com relação ao Itatim, cabe destacar dois missionários: Antônio Ruiz de Montoya, superior das Missões do Paraguai e Diego Ferrer, autor de longa carta com um estudo para a implantação definitiva das reduções entre os índios do Itatim.

Antonio Ruiz de Montoya era sacerdote, nasceu em Lima, em 13 de junho de 1585, e ingressou na Companhia, em 11 de novembro de 1606. Foi ordenado em Santiago del Estero, pelo bispo Trejo, em fevereiro de 1611. Foi superior das missões, entre 1636 e 1637, e procurador na Europa, em 1639, para denunciar os ataques das expedições escravistas dos mamelucos vicentinos às reduções. Evidentemente que este trabalho de Montoya não foi muito bem visto quando, ao voltar da Europa, esteve no Rio de Janeiro e São Paulo para ler nas igrejas da Companhia, durante as cerimônias religiosas, uma carta do papa excomungando quem vendesse índios das missões (TAQUES, s/d).

O missionário escreveu alguns clássicos para o estudo das missões indígenas da Companhia no Paraguai, entre elas: *Conquista Espiritual* (1639), *el tesoro de la lengua guarani* (1639) e *El arte y vocabulario y el catecismo*, na mesma língua. Faleceu em Lima, em 11 de abril de 1652.

Diego Ferrer era nome castelhano de Diego Ransonnier. Foi um sacerdote que nasceu em 11 de novembro de 1600, em Borgoña, e ingressou na Companhia na Província de Flandro Belga, em 17 de outubro de 1619. Desembarcou em Buenos Aires, em 29 de abril de 1628. Missionário entre os Itatim, vindo a falecer na redução

de San Ignacio de Itatines, em 7 de outubro de 1636, aos 36 anos.

2.2 Os índios

A região do Itatim já era habitada desde o período pré-colombiano, no holoceno, por populações neolíticas de horticultores de mata subtropical, canoieiros, pescadores e caçadores. São os antepassados dos atuais remanescentes e também daqueles índios encontrados pelos viajantes, cronistas e missionários, nos séculos XV e XVII. Evidentemente, à época da conquista europeia, essa população era variada sob o ponto-de-vista étnico e muito mais ainda na perspectiva numérica. Alguns relatos coloniais informam que nos arredores da povoação espanhola de Xerez havia ao menos 4000 índios reduzidos. Este fato atraiu os colonos de Assunção, primeiramente, e depois os maloqueros de San Pablo, forma como os jesuítas se referiam aos mamelucos das expedições vicentinas, em busca de mão-de-obra. Como pacificação, atração para a redução, catequese cristã e colonização andaram de mãos dadas no Novo Mundo. Logo atrás dos pueblos de colonos vieram os religiosos: franciscanos, jesuítas e seculares.

De acordo com relato do jesuíta Diego Ferrer, em 1633 os índios do Itatim eram majoritariamente Guarani e viviam da agricultura. Desta forma havia campo favorável para os jesuítas se estabelecerem na região, pois já conheciam a língua e poderiam deslocar alguns índios Guarani já convertidos, segundo eles, do Guairá, atacados pelas malocas³, para iniciar a missão.

Por outro lado, temos de considerar a possibilidade de que as sociedades identificadas pelos cronistas, os etnógrafos do século XVI e XVII, como Guarani, no período colonial, caracterizavam-se por aspectos externos como o comunicar-se no idioma Guarani, utilizar-se de técnicas de subsistência associadas aos Guarani, como o uso da cerâmica, por exemplo. Mesmo sem entrar em detalhes mais específicos que caracterizam a cultura material como sendo produto deste ou daquele povo, os relatos jesuíticos não chegam a este nível de detalhamento, pois o objetivo não era este, mas conhecer o suficiente para convertê-los. Deste modo, quando se fala em Guarani histórico ou de papel, não se fala de populações, originariamente Guarani, mas de outras que foram guaranizadas, ou seja, escravizadas pela guerra que tinha uma função importante no modo de vida destas populações assim como ocorria com os Tupinambá da costa brasileira. A palavra Guarani, na língua guarani, significa guerreiro.

Conclusão

O tema da educação jesuítica está associado ao da catequese, para os missionários jesuítas. Luiz Felipe Baêta Neves (2002, p. 138) acrescenta que para o jesuíta português Antônio Vieira, contemporâneo das missões do Paraguai, a educação é inseparável da ideia de missão. A missão luta contra os inimigos, ou vazios que o demônio viesse a ocupar, era o grande objetivo que transcendia e guiava a ação catequética ou mesmo educativa/colegial. Entre os demônios que podiam ameaçar o

futuro cristão dos índios estavam os caraíbas ou “santidades” indígenas ou, até mesmo, os protestantes que já haviam tentado se estabelecer na Baía de Guanabara e no Maranhão.

A ideia de universalidade também permeia a ação dos missionários jesuítas, assim os objetivos laicos de expansão geográfica e econômica encontraram uma elaboração teológica de conquista espiritual ou ocupação cristã nos espaços religiosos ameríndios, tupinambá e tupiguarani. Para Antônio Vieira, a Companhia de Jesus tinha uma origem divina, com ministérios próprios: catequisar, batizar, converter gentios, propagar a fé, entre as nações tidas como bárbaras, não-européias e cristãs. O sonho de Montoya, no qual os jesuítas são anjos lutando contra demônios – os feiticeiros indígenas – pelas almas dos índios, é expressão de uma mentalidade religiosa renascentista na direção das missões paraguaias, compartilhada, também, por Martinho Lutero, no século XVII, mas que remete a princípios medievais que deverão ser tratados com maior atenção em outra pesquisa.

No Itatim havia escolas, oficinas e biblioteca, de acordo com o jesuíta Guillermo Furlong (1933, p. 17 e p. 119). Estas escolas foram denominadas de primárias e estavam nas missões de San Ignacio, Caaguaçu e Nuestra Señora de la Fe, ambas entre os Guarani das margens dos atuais rios Miranda, Aquidauana e Apa.

Durante o período colonial até sua expulsão, em 1767, mantiveram os jesuítas colégios em quase todas as cidades

argentinas, paraguaias e uruguaias num verdadeiro monopólio do ensino. Essas escolas eram, em sua maioria, primárias e algumas poucas apenas de *segunda enseñanza* (FURLONG, 1933, p. 119). O programa dessas escolas reduzia-se a catecismo, leitura, aritmética e escrita. Como o objetivo da escola era a catequese, “para ser catequizado, era necessário que o índio soubesse o bê-a-bá” (FERREIRA JR.; BITTAR, 2004, p.173).

A escola entre os índios do Itatim seguia as normas eclesásticas do Concílio de Trento, pedagógicas do *Ratio Studiorum*, pastorais do Sínodo de Assunção. O modelo escolar adotado entre os índios do Paraguai foi trazido de São Vicente, quando, em 1554, Manuel da Nóbrega instituiu as casas de bê-á-bá ou de ensino das primeiras letras, antes ainda da promulgação das Constituições da Companhia de Jesus. Essas primeiras letras eram espanholas, evidentemente, e o trabalho facilitado pelos tradutores indígenas que os jesuítas trouxeram consigo das missões do Guairá. Estes tradutores cumpriam uma dupla função: traduziam para a língua Guaraní as primeiras letras, mas, também, as instruções dos jesuítas no tocante aos costumes que deveriam ser abandonados pelos neófitos da Companhia. Tratava-se de aprender a ler para entender a cartilha católica da contrarreforma. Um olhar um pouco mais metucioso verificará que, cotidianamente, os acontecimentos não se desenrolaram de modo tão ideal.

A ideia de terror ao pecado e de sua consequência que era a danação eterna,

que está fora da missão e no interior das matas, junto aos outros índios não-cristãos, era uma constante na catequese jesuítica do século XVII, no Itatim. Segundo relato de Jose Jouanen (1941, p. 80), em sua *Historia de La Compañia de Jesús en la Antigua Provincia de Quito: 1570-1774*, “La Compañía había aceptado por medio de san Francisco de Borja el encargo de evangelizar a los indios de la América española que le hiciera el rey don Felipe II”. Desta maneira, os jesuítas da América do Sul entendiam seu trabalho sob a perspectiva de missão, ou seja, vieram para converter os índios e aumentar o rebanho sob o jugo de Cristo, do papa e do rei.

As instruções dos jesuítas com relação à catequese dos índios eram bem claras quanto ao propósito: de mudar os índios e transformá-los em cristãos obedientes às autoridades coloniais:

[...] procurar hacer su residencia donde tiene la suya el Gobernador, o donde haya presidio que de seguridad. Allí edifiquen su iglesia, y consigan lo necesario para administrar los sacramentos y ocuparse en la predicación. Aunque salgan a una parte y a otra, cuando es menester, tornen a su residencia firme. Tengan mucho cuidado en conocer qué gente es aquella en cuyo provecho trabajan, qué errores y sectas de gentilidad siguen, qué inclinaciones y vicios tienen, si hay doctos o personas de crédito entre ellos, para que éstos se procuren ganar como cabezas de los otros. (JOUANEN, 1941, p. 81).

O trecho destacado é esclarecedor quanto a alguns elementos práticos dos estabelecimentos jesuíticos: pregar para as autoridades coloniais, tornarem-se seus

confessores e diretores espirituais, estabelecer casas e colégios no centro dos povoados indígenas era mais seguro para os missionários, tendo em vista o risco de martírio nas entradas entre os índios. Os jesuítas na América não eram numerosos e apesar da influência que exerceram, conheciam os desvios da cultura indígena contrários aos costumes cristãos e que poderiam ser mais facilmente combatidos. Nesse sentido, a escolarização dos filhos dos índios mais influentes, ou caciques, foi um meio eficaz na conversão das futuras lideranças indígenas.

Aprender a língua e ensinar na língua dos índios era essencial para os jesuítas, por isso os missionários do Itatim vieram de São Vicente, onde se falava o tupiguarani. O superior das missões do Paraguai, Antônio Ruiz de Montoya, tratou logo de redigir um vocabulário da língua guarani para uso nas casas do bê-á-bá da Companhia, acrescido do catecismo em espanhol e guarani.

A catequese, a escola e a redução dos indígenas na América não ficou imune ao Etnocentrismo, num momento em que eram crescentes os relatos etnográficos sobre sociedades não-europeias. Evidentemente, as crônicas dos missionários partem do princípio de que a cultura ocidental cristã é superior à cultura dos “gentios” americanos, do mesmo modo que, no contexto ibérico, era considerada superior à dos mouros muçulmanos. Tratava-se do mesmo demônio combatido no paganismo aldeão medieval, em Alcácer Quibir, no Marrocos, e agora nas terras alagadas do Itatim. O modelo de interpretação da alteridade

americana era-lhe prévio, os europeus não tinham nada a aprender com os ameríndios, já sabiam de antemão tudo o que precisavam, na América só tinham o que ensinar: a religião verdadeira que incluía a recusa aos pecados capitais da preguiça, o cultivo da sobriedade e a redução do número de esposas. Dito de outro modo, o projeto colonial passava pela canibalização das alteridades indígenas.

A ideia de uma República teocrática jesuítica no Paraguai foi o grande motivo para a expulsão dos jesuítas da América portuguesa e espanhola, quando do início do reinado de D. José I e do seu primeiro-ministro, Sebastião José de Carvalho e Melo, em Portugal. Pode-se dizer que estes não eram os únicos inimigos da Companhia de Jesus, pois desde o começo, devido ao seu caráter combativo, colecionou adversários e inimigos tanto dentro quanto fora do catolicismo, uma vez que os jesuítas queriam construir uma nova cristandade tropical inspirada na cristandade medieval na qual não havia clara separação entre o governo temporal e espiritual.

Assim, a expressão conquista espiritual encapa em sua interioridade um aspecto material no sentido de que o dízimo pago à missão sob a forma de trabalho e os bens recebidos dos missionários foram mais palpáveis que a sua bênção. No caso das missões, o dízimo pago, arrecadado pelo cabildo indígena aliado do missionário e encaminhado para o rei como prova de fidelidade e gratidão pela proteção, muitas vezes negada, só era compensada pelas verdadeiras bênçãos da Companhia

de Jesus: gado, casa, ferro, aprendizado da língua dos conquistadores.

Notas:

¹ Real audiência de Charcas, atualmente Sucre, capital jurídica da Bolívia.

² O pagamento do tributo equivalente a um dia de trabalho exigido pelo conquistador aos grupos submetidos já figurava como prática dos Nahuatl antes da chegada de Hernán Cortés ao México. Entre as muitas modificações “propostas” pelos colonizadores na América, estava o aumento das necessidades materiais imposto pelo acúmulo de riquezas, deste modo a quantidade de trabalho necessário para satisfazer os colonos aumentou

exponencialmente. O modelo institucional utilizado na América para acumular riquezas não podia ser outro que não espanhol. A encomienda era o nome dado à prática espanhola de submeter populações a um regime de tributo, na época da reconquista, como prova de que suas terras foram ocupadas, povoadas e dominadas. Quando o império ocidental das índias passou a fazer parte da monarquia espanhola, a população nativa passou a figurar como encomendada ao proprietário súdito do rei, ou seja, obrigada a pagar tributo em forma de trabalho (ELLIOTT, 2004, p. 283-284).

³ Nos manuscritos da coleção De Angelis é muito comum o uso do termo maloca para designar as expedições escravistas.

Referências

ARRÓSPIDE, José Luis Rouillon. *Antonio Ruiz de Montoya y las reducciones del Paraguay*. Asunción: CEPAG, 1997.

CORTESÃO, Jaime (Org.). *Jesuítas e Bandeirantes do Itatim*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1951.

DE ANGELIS, P. La Colección de Documentos de Pedro de Angelis y el Diario de Diego de Alvear. LXXV. Buenos Aires: Facultad de Filosofía e Letras – Talleres/Casa Jacobo Peuser, 1941.

ELLIOTT, J. H. A Espanha e a América nos Séculos XVI e XVII. In BETHELL, Leslie (Org.). *História da América Latina: América Latina Colonial*. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2004. v. I.

FERREIRA Jr, Amarílio; BITTAR, Marisa. Pluralidade lingüística, escola de bê-á-bá e teatro jesuítico no Brasil do século XVI. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 25, n. 86, p. 171-195, abr. 2004.

FRANCA, Leonel. *O método pedagógico dos jesuítas*. Rio de Janeiro: Agir, 1952.

FURLONG, Guillermo. *Los Jesuítas y la Cultura Rioplatense*. Montevideo: Urta y Curbelo, 1933.

_____. *Misiones y sus Pueblos Guaranies*. Buenos Aires: [s.n.], 1962.

GUEVARA, Jose. Historia del Paraguay, Río de la Plata y Tucumán. In: DE ANGELIS, Pedro. *Colección de obras y documentos relativos a la Historia Antigua y Moderna de las provincias del Río de La Plata*. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1836. *Tomo Segundo*. Disponível em: Alicante: Biblioteca Virtual Cervantes, 2002. Acesso em: 30 jul. 2006.

JOUANEN, Jose. *Historia de la Compañía de Jesús en la antigua provincia de Quito: 1570-1774*. Quito: Editorial Ecuatoriana, 1941. Tomo I. Disponível em: Alicante: Biblioteca Virtual Cervantes, 2002. Acesso em: 30 jul. 2006

MAEDER, Ernesto. *Cartas Anuas de la Provincia Jesuitica del Paraguay (1632-1634)*. Resistencia – Argentina: Instituto de Investigaciones Geohistóricas, 2001.

MELIÁ, Bartomeu; TEMPLE, Dominique. *El don, la venganza y otras formas de economía guaraní*. Assunção: CEPAG, 2004.

MONTOYA, Antônio Ruiz de. *Conquista espiritual*. 2. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997.

NEVES, Luiz Felipe Baêta. Antônio Vieira. In: FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque; BRITTO, Jader de Medeiros. *Dicionário de educadores no Brasil*. 2. ed. aum. Rio de Janeiro: Editora UFRJ / MEC-Inep-Comped, 2002. p. 138-145.

TAQUES, Pedro. *A expulsão dos jesuítas do Collegio de S. Paulo*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, [s.d.].

SCHADEN, Egon. *Aspectos fundamentais da cultura guarani*. 3. ed. São Paulo: Edusp, 1974.

SCHMIDEL, Ulrico. *Viaje al Rio de la Plata*. Buenos Aires: Cabaut y Cía., 1903. Disponível em: Alicante: Biblioteca Virtual Cervantes, 2001. Acesso em: 30 jul. 2006.

Recebido em fevereiro de 2010.

Aprovado para publicação em junho de 2010.